

Economia não muda, dizem empresários

AGÊNCIA ESTADO

A maioria dos setores empresariais brasileiros está convicta de que o presidente José Sarney saberá manter as diretrizes de Tancredo Neves para a Nova República. Representantes da indústria, do comércio e dos bancos que estiveram ontem no Palácio do Planalto para acompanhar o funeral, foram unânimes em elogiar o comportamento de José Sarney durante o período interino, achando que isso aumentará sua credibilidade perante a Nação.

Antonio Ermírio de Moraes acha que o empresariado nacional precisa demonstrar fé e coragem nos destinos do País, neste momento. "É o momento de um desafio para a Nação e para os empresários, que se acredite no País, que se reinvesta o capital, gerando empregos e reduzindo os custos. Se não houver isso, vamos retroceder e será o fim da Nação."

O senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, disse que o presidente José Sarney não desconhece o grande desafio que tem pela frente. Mas garantiu que ele poderá contar com o apoio do empresariado para a redistribuição de sacrifícios, "já que alguns setores do empresariado podem ser mais sacrificados", na defesa da ordem democrática. Segundo ele, Sarney terá a legitimidade necessária para fazer as modificações e ajustes na economia, reclamados pela sociedade brasileira. "Sarney vai trilhar o mesmo rumo traçado por Tancredo, embora em estilo diferente. Mas não há dúvidas, ele seguirá à risca as diretrizes."

Em São Paulo, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica-Eletrônica, Firmino Rocha de Freitas, dizia que "Sarney já demonstrou ser um homem prudente, cauteloso e respeitador de um acordo estabelecido que deu origem ao fenômeno Tancredo Neves". E, no Rio, o presidente da Confederação Nacional do Comércio, Antonio de Oliveira Santos, declarava acreditar que o novo presidente cumprirá os mesmos compromissos assumidos por Tancredo em suas reuniões com líderes das classes produtoras, sobretudo a redução da participação do Estado nas atividades econômicas.

APOIO

O vice-presidente da Federação Nacional dos Bancos, Pedro Conde, previu em São Paulo que, "da mesma forma que apoiavam Tancredo, os empresários deverão agora colaborar com maior determinação para que Sarney possa realizar um bom governo". De acordo com sua opinião, a economia, que nas últimas semanas esteve bastante retraída devido às incertezas no panorama político, poderá reagir com as medidas que o novo presidente deverá tomar.

"As classes empresariais estão confiantes na maturidade da classe política de que não haverá qualquer retrocesso institucional no País", disse outro representante do setor financeiro, Ronaldo César Coelho, presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento. Ele destacou pontos básicos como o fortalecimento da iniciativa privada e o estímulo à ação empresarial como fator de desenvolvimento. Segundo ele, o presidente José Sarney terá todo o apoio institucional.

A melhor maneira de honrar a memória de Tancredo Neves "é executar seu ideário que prevê o aperfeiçoamento do processo político, econômico e social", afirmou o presidente do Sindicato dos Bancos do Estado do Rio, Teophilo de Azeredo Santos. Ao mesmo tempo, o presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto, Carlos Brandão, via no discurso de domingo à noite "coerência total" em relação às diretrizes da Aliança Democrática. E o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, assinalava que as linhas do programa econômico do governo de Sarney "reafirmam o pensamento de Tancredo".

ELEIÇÕES

Já Pedro Eberhardt, presidente do Sindipeças, lembrou o trabalho de Tancredo Neves como articulador que, com sua "figura carismática tornou legítimo o colégio eleitoral, podendo ser considerado um presidente eleito pelo povo". Diante disso, considera que, para consolidar sua obra, "devemos ter eleições diretas, e Sarney deverá convocar a Constituinte o mais breve possível".

"O melhor que o presidente Sarney poderia fazer é enviar uma mensagem ao Congresso propondo eleições diretas em 15 de janeiro de 1986, porque mesmo que o Congresso houvesse por bem manter o mandato por quatro anos, seu governo teria mais legitimidade", sugeriu na mesma perspectiva outro empresário, Eugênio Staub, do setor eletro-eletrônico. Ainda existe dúvida, disse, de que o governo federal terá a força necessária para enfrentar problemas como inflação, taxas de juros e desemprego. De acordo com ele, "Sarney está na Presidência por uma série de fatalidades, compromissos e coincidências, e precisamos de liderança".

O ex-ministro da Fazenda, Octávio Gouvêa de Bulhões, foi sintético: "Agora é que nós vamos ver".



**O BRASIL SEM
TANCREDO**